

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 6 DE MARÇO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II-N. 62.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	J. DO EGYPTO & C.
Conselheiro Martim Francisco.....	
O ideal da condessa.....	V. MAGALHÃES.
Poules.....	CATÃO.
Jornaes e revistas.....	M. VALENTE.
O cabelo da morta.....	A. MENDES.
Aqui, ali, acolá.....	ALFINETE.
Correio litterario.....	L. DE MENDONÇA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Um quadro.....	A. A. L. VIEIRA.
As mãos.....	L. DE MENDONÇA.
Sob as oudas.....	E. DE BARRAS.
Theatros.....	P. TALMA.
Factos e Noticias.....	
Conselhos salutaes.....	DR. SAHEN.
Correio.....	ENRICO.
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

HISTORIA DOS SETE DIAS

Bate nos á porta o Carnaval, o Deus estonteador e zabumbatico, que interrompe um pouco a monotonia que impera, de parceria com o Sr. D. Pedro II, nestas paragens *carioquenses*, com o estrugir dos seus tempestuosos bombos, o chocalhar dos seus guizos retinintes e o estridulo vozeio dos seus cornetins rauci-troantes e ensurdecedores.

O' vós que sentis o visgo nojento d'este verme corrosivo que se chama:—o tédio, empeçonhar-vos a alma; bardos chorosos, em cujos corações a la-

muria se aninha como nos verdes musgos das arvores se aninha o canôro passarinho; mancebos lyricos e empaltecidos, que, com os olhos voltados para o zimbório azul onde *papá* Jehovah, de quando em vez, faz ouvir o seu pigarro tempestuoso, ainda lamentaes ao piano as ingratições da virgem dos vossos sonhos; ó almas tristes como a rola afflicta, mandae ao diabo a *melancolia*, e atirae-vos ao Carnaval!

D'aqui por pouco tereis ante vós, abertos de par em par, os seus porticos dourados. Ah! vereis em doudas cabriolas, languidas como as hauris do Oriente e mais formosas que as circassianas, as gentis filhas do grande Momo, o orgiaco Deus, a *polichinellichinica* magestade que, durante tres dias, fará d'esta pacata Sebastianopolis nada mais nada menos que a Babylonia dos antigos tempos.

O *Castello*, a *Caverna* e o *Phanteon* (sic) dos *Progresstas* flammejarão diabolicamente, ao estrugir de um archi-fornidoloso *Zé-preira*.

O' diabo! agora vemos que estavamos fazendo um *puff*, um legitimo *puff* carnavalesco, d'esses com que as sociedades *momisticas* annunciam as suas deslumbrantes festas, como o dos *Tenentes do Diabo*, que se pode ler hoje na nossa ultima pagina...

Desculpem, leitores pios. Mas que fazer? A cidade na semana que devêramos historiar, foi toda de preparativos carnavalescos; bombos, caixas e zabumbas *zép'reiraram* com desespero, annunciando a proxima batalha; tudo foi mascaradas, narizes, barbas, roupas sarapintadas, phantasticas, sem senso commum..-

E, no entanto, alguns assumptos graves esperavam o commentario da nossa penna procveta...

Para que a transicção não seja muito violenta falemos do Entrudo.

O Sr. Dr. chefe de policia empregou as classicas medidas e circulares afim de impedir o grosseiro e endefluxante divertimento.

Não sabemos que peso terão taes medidas no espirito publico e se o réles Entrudo desmentirá ou não o que os auctores d'*O Bilontra* o fizeram dizer d'elle mesmo: «Estou na massa do sangue nacional». O certo é que todos os annos o chefe de policia emprega as mesmas medidas repressivas e cada vez mais desenfreado se apresenta o Entrudo.

Este anno, porém, parece que o tal amiguinho será mais commedido e menos porcamente máu, pois que nos anteriores, na hora em que estamos, já não havia nariz honesto nem respeitavel cartola que não tivesse recebido o beijo inesperado e humido de um limão de cheiro... insupportavel.

Dever-se-á attribuir tão grato acontecimento ás *medidas* dos bons desejos do Sr. Coelho Bestos? Duvidamos; em todo caso, bonnissimo será realisem-se os desejos das suas *medidas*.

E' tempo de morrer o Entrudo, para que o Carnaval resuscite. E, pelo que se

diz, resuscitará, pois que varias sociedades farão passeata solemne, com riquezas ideaes e riquissimas *ideias*.

Não, positivamente não achamos meio de tratar dos assumptos serios:—Da admoeção amigavel, amigabilissima, feita pelo Sr. Chefe de Policia ao redactor da *Voce del Popolo*, por ordem do Sr. ministro da justica, convidando-o a moderar a sua linguagem acerca do nosso paiz. Diremos somente que *legem habemus* e que taes admoeções *amigaveis* são attentorias da liberdade de imprensa;

Do triste caso da algos das pobres escravizadas Eduarda e Joanna, uma senhora moça, rica e bella, que infelizmente não soube ou não pode fazer brilhar essas qualidades, esses dons, com a luz da bondade. Por mais que nos commiseremos do estado d'essa senhora, não nos devemos esquecer que ella é uma criminosa, de um duplo crime hediondo e provado, commetido longamente, dia a dia, em duas crianças, fracas de corpo e da peor das fraquezas: eram escravas!

Nem d'esses casos, nem de outros como esses tão importantes, como o grande emprestimo de 6 milhões de libras, tão favoravel e habilidosamente levantado em Londres pelo governo, e que fez logo subir o cambio e descer as libras—trataremos hoje.

Sentimos na massa encephalica o aboletamento do microbio carnavalesco.

E' a febre de Momo que ahi vem, mais furibunda que a amarella.

Contra essa não ha Inspectoria de Hygiene que possa valer.

E o melhor barão de Ibituruna contra o *micrococcus momisticus* é cada um em sua casa com sua mulher e seus filhos. E' o que vamos fazer.

JOSÉ DO EGYPTO & C.^a

CONSELHEIRO MARTIM FRANCISCO

Foi geral a consternação causada pelo passamento do Conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, no dia 2 do corrente, em S. Paulo.

Falta-nos espaço para dizer do que foi na vida publica e particular esse illustre brasileiro.

Intelligencia superior, extremamente lucida e complexa, illustração solida e variadissima, character nobre, generoso e inflexivel no cumprimento de deveres, coração franco e bondoso—eis resumido em quatro palavras o que foi esse digno herdeiro do nome immortal dos Andradas.

O Conselheiro Martim Francisco havia sido eleito deputa lo á Assembléa Geral dias antes do seu lamentado falecimento.

Propugnou sempre pelas idéas liberaes adiantadas, embora houvesse de attender por vezes ás conveniências politicas, que entravam frequentemente a marcha progressiva dos programas liberaes.

As saudades que deixa a todos que o conheceram perdurarão longamente.

A' sua illustre e consternada viuva, a seus filhos e a seus genros Drs. Theophilo Dias e Silva Jardim envia *A Semana* sentidos pesames.

O IDEAL DA CONDESSA

Quem a via, áquella formosa loira—loira como Titania e branca como Amphitrite—a correr loucamente, desesperadamente, atraz das aventuras galantes, arrostando com a maledicencia e a calumnia os justos reparos do mundo, quem a via nessa galopada festiva pela existencia fora, dizia com apparente razão que a condessa andava á caça como Diana, mas acreditava que do amor; e ahí o erro. A condessa andava á caça, mas de um ideal, do seu ideal.

Quem o diria?!...

Fossem dizelo ao seu ultimo amante, áquelle guapo mancebo moreno e rico, que ella foi descobrir não sei onde, cujos presentes aceitava desdenhosamente, sem lhes tocar, e cujos bigodes crespos beijava com ardor; e elle, ouvindo que a condessa buscava nelle—não dinheiro nem prazer—mas um ideal, elle riria, riria perdidamente, com a boa risada ingenua da estúpida. Porque é preciso dizelo:—o bello mancebo moreno e rico era estúpido como uma bota velha, apezar da intelligencia que parecia brilhar nos seus olhos negros e da sua larga fronte emoldurada em pretençiosa cabeleira á menestrel.

Mas ninguem lho disse, nem elle, sequer, desconfiou.

Por isso imagine-se o seu espanto quando, ao encontrar-se com a condessa em um dos corre lores do Lyrico,—para onde haviam marcado *rendez-vous*, devendo conduzi-la á casa apos o espectáculo,—a formosa rapariga passou por junto d'elle com a altiva e fria magestade de uma estatua, respondendo com quasi imperceptivel aceno de cabeça ao cordial e apressurado comprimento do amante.

Pobre rapaz! Quedou se perplexo, tremulo, assombrado, conservando por alguns segundos,—nos olhos a imagem d'aquella bello corpo que se afastava, arrastando com olympica serenidade a longa cauda do custoso vestido;—e nas narinas affiantes o quente perfume lascivo que se exhalou do seu collo branco de pomba amorosa, ao passar por elle.

A' sahida, em frente ao portão do imperial theatro, quando, depois de havel-a leito tomar o coupé, ia entrando para sentar-se ao seu lado, a portinhola fechou-se com impeto, batendo forte, e ouviu a voz crystallina da condessa, que lhe atirava, recostando-se nas almofadas, estas duas palavras terribéis:

—Bóá noite.

A carruagem partio celerè, tirada pela impaciencia fogosa dos cavallos; a condessa aconchegou-se a um canto, e, torcendo nervosamente as luvas, cuspiu pela portinhola esta injuria, como se ella pudesse ir bater nas faces do desampontado rapaz:

—Estúpido!

Antes de proseguir direi que era tão condessa aquella mulher como eu sou condessa.

Chamavam-na condessa porque para que o fosse apenas lhe faltava sobre os flavos cabellos perfumados uma pequenita coroa condal, pois tudo o mais que é preciso a uma condessa, digna do titulo, ella o possuia affarta:—belleza, elegancia e espirito.

Não me pergunte o leitor mais nada sobre a condição e o passado d'essa mulher. Fóra indiscreto; peor: fora ocioso.

Dias depois tinha a condessa conquistado novo amante: um advogado moço, intelligente e bonito. Estava muito contente.

Para encurtar o tempo em que o esperava, deitava-se na *chaise-longue*, e, cruzando as roseas mãosinhas sobre os olhos semi-cerrados, esquecia-se a construir mentalmente naquella penumbra cor de rosa o irisado castello novo dos seus sonhos, onde o advogado campeava como senhor e amante.

Por nenhum outro como por aquelle homem havia sentido tão subita e tão violenta paixão. Oh! adorava-o! Como era distincto, delicado, affavel, insinuante, sympathico! Aquelle havia de comprehendê-la e de lhe dar a felicidade que ella inutilmente a tantos outros havia pedido e que julgava merecer. Aquelle havia de encontrar em seu espirito e em seu coração as delicadas teclas jamais tocadas, e nellas havia de acordar as melodias suaves, as opulentas sonoridades que deviam, tarde ou cedo, embalar a existencia d'ella e a de um homem na ineffavel delicia da felicidade absoluta. Coitada! Offerecera-se abnegadamente, com sublime impudencia, a quantos julgára capazes de comprehender-lhe o coração, de descobrir o mundo ignoto e riquissimo, a virgem America que ella possuia no seio, á espera de um Colombo genial, que tardava tanto! E todos elles, todos, passaram por ella deixando-lhe no espirito, como recordações, os vestigios sangrentos do seu egoismo insaciavel e da sua vaidade satisfeita, sem que houvessem deixado na sua carne moço e ardente a saudade de um unico beijo!

Pobre condessa! O seu advogado, com todas as bellas apparencias de distincto, de superior, era tão trivial, tão chato e, porque não dizelo? tão pulha como os negociantes, os medicos, os engenheiros, os jornalistas e os litteratos que o haviam precedido na perfumada e capitosa alcova d'aquella mulher infeliz. Ao fim de um mez estava farta e devolveu-lhe o ultimo bracelete com um bilhetinho em que havia esta eloquentissima palavra: *Basta*.

Havia cahido a condessa na crise melonha de desanimo e tristeza que sempre se costumava seguir a esses desmoronamentos, quando lhe foi apresentado um moço, romancista de grande nome, muito mais conhecido por elle do que pessoalmente.

Uma felicidade para o rapaz, porque a sua pessoa não tinha absolutamente nada de notavel, capaz de impressionar alguém, e muito menos uma mulher como a condessa.

Esta admirou-se muito ao conhecê-lo, e, como o príncipe de Palermo ao conhecer Boccaccio, estive para exclamar:

—Pois este é que é aquelle?!

A primeira impressão foi, portanto, lamentavel.

Depois que Alberto partio—chame-mos-lhe Alberto—ella ficou por muito tempo a pensar na insignificancia da sua figura, no commum da sua fala e das suas manieras.

Que vulgar!

E sua vulgaridade preocupava-a.

—Não será este com certeza; pensava tristemente.

Lembrou-se então de que lhe havia concedido licença para ir visitá-la em dia proximo. E esqueceu-o.

Mas no dia marcado lembrou-se de que elle havia de procurá-la, e esperou-o. Embalde: o romancista não appareceu.

—Grosseirão! Obrigam-me a ficar em casa toda uma noite a esperá-lo!

Irritou-se, injuriou-o e tomou-se de um vivo desejo de encontrá-lo para agradecer-lhe a descortezia.

Perguntou por elle; deram-lhe as peiores informações: era orgulhoso, fátuo, indifferente a tudo que não fosse os seus interesses ou os seus trabalhos litterarios.

Tão más informações picaram fortemente a curiosidade da condessa. Seria elle tudo aquillo? Como verificá-lo? Foi facil: Alberto voltou. Não se desculpou da descortezia praticada, talvez á espera de que a condessa lh'a lembrasse.

Esta, porém, estava muito preocupada com estudá-lo.

Esperava que elle lhe falasse de litteratura, que lhe impingisse algumas paginas do seu romance ultimo, ainda inédito. Nova decepção. Alberto falou-lhe de muitas cousas, menos dos seus livros, nem estadeou pedanterias litterarias.

Disse mal, muito mal das mulheres. O que mais impressionou a condessa foi o dizer-lhe que a mulher, em geral, decide-se sempre pelo peor, que tem um especial pendor para os imbecis; tudo resultado da falsa comprehensão que ella tem do que seja a superioridade no homem. E dizendo taes horrores das mulheres, não exceptava aquella com quem conversava! A condessa defendeu-se galhardamente. A proporção que falava, notou a surpresa e o prazer que se estampavam na physionomia do seu interlocutor; mas este não teve uma exclamação, não lhe fez um elogio.

Ao despedir-se, duas horas depois, beijou-lhe as mãos e prometteu voltar.

Foi então que se lembrou a condessa de que elle nem uma so vez lhe dissera que a amava!

Dois mezes depois, acreditava a condessa haver encontrado por fim o seu ideal naquelle vulgarissimo rapaz.

Mas—cousa singular!—não se sentia feliz.

Andava inquieta, nervosa, ora triste, ora alegre; mas de uma alegria e de uma tristeza excessivas, pouco naturaes. Faltava-lhe o que quer que fosse, exactamente quando nada lhe devia faltar. Que seria? Alberto amava-a discretamente, com muita dedicação, muita meiguice e um pouco de tristeza, e talvez tambem com um pouquinho de desconfiança.

Ella acreditava adoral-o; jamais sentira por ninguem o que sentia por elle.

E, contudo, não estava satisfeita.... Nunca se havia julgado tão infeliz.

Resolven distrahir-se, atordoar-se, curar aquelle novo mal que lhe devorava a tranquillidade e a alegria.

Logo em uma das primeiras vezes em que voltou á vida mundana dos concertos, dos espectaculos e dos saráus, encontrou... ora quem havia de encontrar?—o advogado, o tal a quem ella havia cuspido aquella injuria: Estúpido!

E' indescriptivel a commoção que a sua vista lhe causou. Foi como a entrada triumphante de um grande ar puro em pulmões oppressos e offegantes.

Irresistível augeio de possuil-o de novo apoderou-se d'ella. E seu coração, palpitando descompassado, segre lava-lhe:

— Volta a elle: nelle encontrarás o teu ideal.

Obedeceu aos conselhos do coração.

Oh! com que prazer sentiu-se de novo sacudida, atormentada na luta dolorosa de duvidas e de esperanças em que se passava d'antes a sua existência!

E o advogado voltou, e com elle voltaram as sensações, os deslentos, as esperanças e os desesperos da confessa.

Alberto adivinhou tudo, e fez ponto final naquella incidente amoroso, escrevendo-lhe a seguinte cartinha:

Con tessa.

«Felicito-a, porque a vejo novamente feliz, e felicito-me a mim, por haver-lhe proporcionado o meio de descobrir onde estava a sua felicidade.

«Veja V. Ex.: julgava que era de um ideal que precisava a sua vida, quando apenas era — de *procural-o*. Olhe, peço-lhe um ultimo favor. E' este: Quando tiver de despedir o F. para buscar em X. o tal ideal que V. Ex. não deve encontrar para ser feliz, não se equivoque ao escrever a primeira vogal da famosa palavra *Basta*, trocando-a por outra.

«Commisere-se dos infelizes que têm a desgraça de parecer *superiores*.

«E perdoe o mal que lhe fez o mais pulha dos seus a lairadores,

Alberto.»

A confessa passou esta carta ao advogado, que estava com ella na occasião.

Elle leu-a, sorriu-se e disse-lhe, entregando-lha:

— Que idiota!

A confessa teve um fremito de raiva e de indignação; viu sobre a mesa papel e um lapis, sobre aquelle traçou com este, nervosamente, esta palavra: — *Besta*, e sahio da sala como um tufão.

Oito dias depois, procurava encontrar seu ideal em um commendador bem apessoado e meio pelintra — a flor dos commendadores — que adorava os romances de Montepin e começava a criar barriga.

VALENTIM MAGALHÃES.

POULES

Em todos os tempos tem havido divertimentos populares, e estes tem soffrido modificações, segundo o maior ou menor estado da civilisação.

Povo é povo; é uma perfeita mixtura de todas as classes sociais, sendo a maior das utopias traçar-lhe uma qualquer determinada norma de procedimento e copiando-a do *Flos sanctorum*.

Todos os grandes legisladores têm respeitado o gosto popular e consentido nos divertimentos que lhe são predilectos. E não vale nisso o menor favor, pois quem trabalha, quem paga impostos, quem obedece às conveniências geraes, tem o direito de espairecer um pouco, de rir, de impressionar-se agradavelmente, de enthusiasmar-se, de divertir-se.

Que o povo fluminense goste das corridas de cavallos não ha a menor duvida, e só contestal-o-á o legislador abstracto, que não se der ao trabalho de ser naturalista, de sahir do gabinete e de ir observar a alegria geral nas festas dadas em nossos melhoes hippotromos.

Será um gosto estragado e que reclame correção ante o seculo que atravessamos? Certamente que não, pois esse mesmo gosto de ver correr bons cavallos existe nos paizes os mais cultos.

Não acreditamos que um governo intelligente onse levantar a mão contra esse popularissimo divertimento, para esplendor do qual *varios e importantes capitães* se acham em gyro.

E dizemos isso porque a Municipalidade, dando a mais desastrada prova de ineptia, procurou ha pouco celebrar-se, remetendo ao abalisto ministro do Imperio uma envenenada postura.

O *Jockey-Club* comprehendem-lhe logo o mortal alcance, e reunido em conselho, foi prompto em declarar que suspenderia suas corridas, e a essa benemerita sociedade deve o paiz o florescente estado em que se acha a industria de criação de animaes superiores.

A *poule* é o sangue das sociedades que se empenham nessa patriótica empreza. Não ha vexame nenhum em declaral-o alto e bom som: o sangue, é a vida; já que o Governo e a Municipalidade não podem com as avultadas despezas de importantes premios, os unicos e paizes de fazer aquella industria desenvolver-se.

So confundem a *poule* com o *jojo de tavelagem* um espirito muito curto e trapalhão. A differença é enorme. Quem se senta em frente de uma roleta, de uma mesa de cartas, de papoões de vispora, etc. e arrisca qualquer capital é um vicioso, *que só é levado pela esperanza do ganho e nisso reside todo o seu pernicioso divertimento*. Guerra a esses jogos ruinosos, estupidos e facéis, tão facéis que a toda hora qualquer os pode ter a mão!

A *poule* não é isso. Não sendo absolutamente obrigatoria, é para quem a compra mais um incentivo de attenção, de acompanhar com interesse uma lucta, um spectaculo grandioso em que varias machinas animadas, e que representam muitos cuiados e esforços, vão bater-se, guiadas pela mestria do homem e no meio de inesperados accidentes.

E' um divertimento digno de ver-se, de ser apreciado; todos gostam d'elle, todos o applaudem, todos, velhos e moços, ricos e pobres, homens e senhoras; todos se enthusiasmam, o povo inteiro o procura, alegre e espontaneamente.

¶ Que tem a *poule*? O facto de custar dinheiro? Mas não custa dinheiro a

simples entrada? e quem a compra não resolve antes e não preferio trocar uma parte do seu trabalho por algumas horas de prazer? Que tem que o preço seja 10\$? Acaso todos não sabemos que o que menos possue não a compra ou conforma-se com a metade, um quarto, um decimo d'ella, procurando socios? Que tem o legislador com um ou outro desmiolado que exhorbite? A extinção da *poule* dar-lhe-á juizo? Ou elle irá amanhã perder na loteria o que realmente não pole?

O assumpto é clarissimo, visto com olhos reflectidos e humanos. Com os olhos enfumaçados da moral abstracta, da confusão proposital das questões... pole o governo matar as sociedades de corridas e roubar ao povo um dos seus divertimentos predilectos.

Não é de esperar que tal aconteça, em quanto for presidente do conselho o Barão de Cotegipe, ministro do Imperio o Barão de Mamoré e ministro da Agricultura o conselheiro Antonio Prado.

CATÃO.

JORNAES E REVISTAS

A *Gazeta de Noticias* publicou no dia 25 do passado o seu «3º supplemento litterario.» Não é inferior aos primeiros. Traz duas produções notaveis; uma em prosa: *Viver!* — uma soberba allegoria da vida, dialogada entre Ahasverus e Prometheus, original, primorosa e profunda como quanto sae da penna de ouro de Machado de Assis; a outra é uma paraphrase homometrica de um «canto nocturno» de Giacomo Leopardi, o genial poeta italiano, feita pelo fino e eruditissimo escriptor Ruy Barbosa, que não sabemos tão aparentado com Apollo. Além d'esses trabalhos, fizeram-se notar o primeiro artigo de um estudo critico, por Araripe Junior, do moderno e importante livro politico de Franz von Holtendorff, e um bom soneto de Castro Fonseca. Longe estão, contudo, ainda os supplementos litterarios da *Gazeta* de corresponder á importancia d'esta folha e ao que com os seus elementos nos poderia e certamente ha de dar ainda.

Parece-nos improprio d'estas publicações, que so deviam ser destinadas á litteratura amena, a inserção de longos trabalhos scientificos, em artigos que *continham*, principalmente porque não se pode saber quando *continuarão*, pois que entre um e outro *supplemento* medeia muito tempo, o bastante para fazer esquecer capitulos anteriormente lidos. Sobretudo fora para desejar trabalhos menos longos para que maior variedade houvesse.

E' merecedora a *Gazeta*, não obstante, de toda a animação e dos applausos de quantos prezem as Lettras.

O n. II da *Revista Popular* (Bahia; director Dr. B. Frauklin) traz excellentes artigos sobre finanças, biologia, agricultura, ethnographia, industria, etc. e o começo de uma interessante novella de Ch. Epleyre — *O Mirosauris*. Trata em artigo de fundo das questões de limites do Brazil com a coloma fran-

ceza, começando por estas criteriosas palavras: «É de uma politica sabia e previdente resolver em paz qualquer questão que para o futuro possa trazer vexames ás gerações que nos succederem. A questão de limites do Brazil com a Guyana Franceza está nestes casos, e S. Ex. o Sr. Presidente do Conselho, que em boa hora tratou de resolver a questão das Missões, não deve deseurar-se tambem de estabelecer definitivamente as nossas fronteiras do Norte; é necessario fechar aquella porta sempre aberta a um conflicto possível.»

Terminamos esta breve noticia, advertindo o collega de que tem sido muito irregular a remessa da *Revista*, tanto que nos falta o n. 10 e só muito tarde recebemos os numeros 8 e 9.

Suspendeu sua publicação *O Domingo*, aquella recente e excellente revista litteraria que via a luz em S. João d'El-Rey, redigida pelos jovens e promissores homens de letras—Jorge Rodrigues e José Braga. Na circular em que nos communicam essa desagradavel nova dizem os nossos collegas:

«Circumstaneias imperiosas forçamos a interromper a publicação d'*O Domingo*. Procurando sempre manter o programma, que nos impuzemos, lutando contra as numerosas difficuldades e os repetidos obstaculos que se oppõem ás emprezas d'esta ordem, temos consciencia de havermos enviado todos os esforços a nosso alcance para nos desempenharmos devidamente do compromisso que contrahimos para com os nossos assignantes.

«O que temos feito, porem, até então, muitas vezes com sacrificios não pequenos, tornar-se-ia penosissimo, si não impossivel, d'ora avante, pois a doença grave e rebelde, que ha muito afflige a um de nós, impede sejamos dous a dirigirmos uma empreza cujo bom exito depende do concurso de forças que se auxiliem reciprocamente.»

Nós, que com tanta alegria e tantos applausos vimos nascer *O Domingo*, registramos o seu desaparecimento—praza aos céus que temporario—com profundo e sincero desprazer, pois era um periodico que a todos os collegas honrava.

Aos seus redactores, com os pesames pela suspensão d'*O Domingo*, apresentamos a offerta das columnas d'*A Semana*, onde serão recebidos—sempre que o desejem—com toda a cordialidade e muito contentamento.

Promettemos em o nosso numero ultimo occupar-nos de novo com o primeiro numero d'*A Quinzena*, a recentissima publicação dos Srs. Alfredo Pujol e Jorge Pinto.

Abre com um soneto inédicto de Machado de Assis—*Mundo interior*, um primoroso soneto, primoroso no fundo como na forma, original na idéa, que é profunda e triste,—como quantas luminosamente brotam d'aquelle cerebro raro,—imprevisto no desfecho e ricamente rimado.

Havemos de honrar com elle as columnas do proximo numero d'*A Semana*.

Do conto de Valentim Magalhães—*O ideal da Condessa*—ajuizarão os leitores, pois hoje o transcrevemos.

Raymundo Corrêa traduzio *A Venus de Vienna*, de Armand Sylvestre, com a fidelidade, o esmero, a delicadesa, o extremoso amor artistico que tem sobejamente provado em quantas poesias tem trasladado para a lingua vernacula.

O Polhaço é um delicioso contosinho infantil, d'esses que só a gentilissima

escriptora D. Julia Lopes sabe ideiar e escrever e cuja leitura não deleita unicamente as erianças, pois são verdadeiras joias litterarias.

A traducção do Carme V de Catullo honra o seu auctor, o erudito jornalista Dr. Lucindo Filho.

Gracioso e delicado o «esboço d'assumpto para versos lyricos, de Lucio de Mendonça. Magnifico o soneto de Olavo Bilae, um poeta muito moço, que dia a dia se agiganta.

O poeta, *olhando a corrente*, chama a attenção da amada, pede-lhe que a contemple, «crespa, turva, a rolar...», que ouça as pragas e as imprecções medonhas, o soluçar, as blasphemias que «sobem rugindo d'essas negras vagas,» e diz-lhe porfim:

«Vê: Teus juramentos

Lá vão, lá vão levados os meus sonhos,
Lá vai levado o do nosso amor.»

Apenas nos desagradou o *enjambement* do ultimo verso do primeiro terceto com o primeiro verso do segundo. E' melhor evitar esse recurso de estrophe a estrophe, usando d'elle unicamente entre versos da mesma estrophe.

A velha é um lindo conto infantil, como os sabe fazer D. Adeline Lopes Vieira.

Onze columnas e tanto são occupadas por um grande trecho da traducção inédicta que fez do «Canto do Hiawata» de H. Longfellow, o Dr. Americo Lobo, que já traduzio com felicidade a *Evangelina*.

Agradou-nos sobremaneira: pelo cuidado com que é colhido o pensamento do auctor e pelo esmero do verso, que é o exámetro, rimado arbitrariamente, sem divisão de estrophes. Mas não devia *A Quinzena* ter inserido tão longo trecho, pois veio essa circumstancia prejudicar a variedade das materias, preterindo outras.

Por esta rapida apreciação fica visto que se *A Quinzena* conseguir equiparar ao primeiro os numeros subsequentes, dar-nos-á Vassouras quinzenalmente uma publicação de primeira ordem, de que deverá orgulhar-se a nossa Litteratura.

M. VALENTE.

O CABELLO DA MORTA

Terra, jamais do seu cabelo, quando
Passar o tempo, os fios d'ouro feitos,
Entre os vermes, no termino execrando,
D'este sepulchro conteras! Tirei-t'os...

Toma o seu corpo só, em que perfectos
Dotes da Natureza estão brilhando;
Seus olhos ali tens—dois sóes desfeitos,
E tens sua bocca num sorriso brando;

Seu morto coração immaculado,
As suas mãos de neve, o rosto amado,
Os labios, onde está da morte o sello...

Tudo ali tens na eterna sepultura,
Terra; ali tens a morta creatura.
Mas deixa-me fiar o seu cabelo!

ARTHUR MENDES.

Fevereiro de 1886.

AQUI, ALI, ACOLÁ

A attenção de toda a cidade de Paris estava ás ultimas datas inteiramente absorvida no mysterioso assassinato do prefeito de *L'Eure*, Mr. Barrême, em um wagon do trem de ferro da companhia do Oeste.

O assassino havia comprado um bilhete de ida e volta para Mantes e entrado com a sua futura victima para o mesmo compartimento do carro. Era um homem de apparencia tranquillizadora, decentemente vestido e que não havia despertado suspeitas nem no proprio Mr. Barrême, que não duvidou viajar ao seu lado.

O crime foi commettido sem o minimo rumor e o assassino desapareceu como por encanto, sem que até hoje tenha sido possível descobri-lo. Todos os jornaes parizienses tratam em variados artigos, assignados pelos mais conhecidos chronistas como Sareey, Millaud, René Martin etc. d'esse exquisito e até hoje inexplicado crime.

Por alguns é elle attribuido a um *bonnetteur*, cavalleiro de industria que corresponde, mais ou menos, ao nosso jogador de *vermelhinha*, mas essa hypothese não é plausivel porque o assassino não tinha apparencias de *bonnetteur*. A opinião do Sr. Macé, antigo chefe de Segurança, em Paris, de ha muito retirado á vida privada, mas grande auctoridade em taes assumptos, e que o crime envolve um drama intimo que difficilmente será conhecido, talvez uma vingança, mas de character particular.

Toda a imprensa reclama contra o systema por que são construidos os wagons francezes e pede que sejam mudados pelos que se usam nos Estados Unidos, na Alemanha, na Suissa e na Russia: vastos salões-omnibus, sem separação, facilitando a communicação constante entre todos os carros, desde machina aos carros de bagagens.

Em taes carros os crimes de assassinato e roubo são quasi impossiveis, por causa da continua vigilancia dos empregados da estrada e da communicação franca dos passageiros.

Curiosissimo—esse crime.

ALFINETE.

CORREIO LITTERARIO

«PAMPANOS», POESIAS DE RODRIGO OCTAVIO.—RIO DE JANEIRO, 1886.—121 PAGINAS.

Bonito livrinho, magnificamente impresso na excellente typographia dos Srs. Leuzinger & Filhos. Abre-se, lê-se todo sem enfado; versos correctos e espontaneos, metrificação facil, rimas, senão ricas, pelo menos abastadas, bom-senso, toda a grammatica desejavaavel. Entretanto, acaba-se de ler toda a colleção sem uma surpresa, sem o deslumbramento de uma imagem nova, sem a necessidade de reler uma estrophe que impressione e fique cantando na memoria, sem o arrepio que põe na espinha dorsal do amator a obra d'arte em que faisca, de improviso, uma seintillação do ideal.

A conclusão obrigatoria é que o Sr. Rodrigo Octavio é, por enquanto,

um poeta mediocre, ainda que, parece-nos, não deva ficar ali; sabe-se quanto é hoje difficil, sob o actual diluvio de versos, que chovem de toda parte, estimar ou supportar, sequer, a mediocridade na poesia.

Se, comtudo, o leitor não se quizer lembrar de que está deante de um poeta novo, de quem devéra esperar emoções novas, inspirações virgens, e contentar-se com o verso bem melido e regularmente rimado, encontrará neste livro mais de uma pagina feliz: *Um poema* é um bonito conto, que ainda pertence ao cyclo poetico de Byron, tão admirado, outr'ora, entre nós, nos reflexos do nosso Alvares de Azevedo; *Scena hespanhola* são versos descriptos com algum colorido; *Crepusculo* é uma scena bem delineada, onde a tristeza do ideal nunca attingido doo na alma do poeta saciado do gozo terrono; *Onze de Maio* possui o religioso encanto do amor e da saudade filiaes; nas *Trévas* ha lindos effeitos de luz; *Os seios* têm muito calor de mocidade; no *Idyllio pagão* ha bellos versos harmoniosos; *O sineiro*, se se lhe desconta a infeliz cacophonia d'este verso:

«A lapide que Agar estava-lhe occultando» é um singelo conto, bem e commovedoramente contado; *A tempestade* tem mais de um traço vivo, o que não se encontra no *Combate*.

Em summa, num ponto de vista muito relativo, de quem não tenha grandes exigencias estheticas, o livro do Sr. Rodrigo Octavio pôde ser acolhido com agrado e sympathia. Diremos até que, pondo de parte os *Sonetos e Poemas* de Alberto de Oliveira,—livro, esse, de verdadeiro poeta,—ainda não tivemos occasião de receber, nesta secção d'*A Semana*, nenhuns outros versos meliores, nem tão bons como estes dos *Pampanos*; mas, por isso mesmo que o seu auctor demonstra ter merecimento, rigorosa probidade litteraria, muito cuidado na execução, certo alinhamento em estreita, julgamos que é direito da critica pedir-lhe mais originalidade, mais esquecimento do seu eu, que transborda da parte do livro a que chamou *Extremos*, e que é muito inferior ás outras, e, finalmente,—para transcrever o que mais nos agradou no volume,—que nos dê muitas outras composições dignas do quadro a que poz como titulo—*Nas margens do Parahyba*, e que recorda o epitheto inolvidavel com que o eloquente Joaquim Nabuco estygmatisou o nosso rio fluminense—*O rio da escravidão*:

Que esplendida paisagem! Sonno lento,
Deslisa o Parahyba tremulante;
Um manto azul se n'fim, o firmamento,
A terra, um grande valle deslumbrante.

Os passaros em bando a cada instante
Curveteiam; nas arvores o vento
Brinca, e tudo parece a triunphante
Incarnação de alegre pensamento.

E enquanto a natureza regorgila
Em festas, e da abobada infinita,
Como limpida fonte, jorra a luz,

Ao sol abraçador do meio dia
Vae descendo arquejante a serrama
A lila dos escravos semi-nús.

Vê-se que quem escreve versos d'estes
possue elementos para, com algum
alento mais, vir a ser ainda um poeta
digno do seu tempo.

Valença, 22 de Fevereiro.

LUCIO DE MENDONÇA.

SPORT

Realizaram-se no ultimo domingo as corridas do *Prado Villa Isabel*. A concurrencia foi numerosissima, tendo a melhor ordem presidido a todo o divertimento, que terminou ás 6 1/2 horas da tarde.

No 1º pareo (1.000 metros) correram 9 animaes, cabendo a victoria, em 70 segundos, a *Aymoré*, seguido de *Eucharis*, carregando aquelle o peso de 59 kilos e tendo sido montado pelo jockey Arthur.

Aproveitamos a occasião para fazer justiça a este ultimo, que na verdade vae fazendo grandes progressos.

No 2º pareo (1.000 metros) não tendo corrido *Regina II*, apresentaram-se na raia 6 animaes, tornando a sair victorioso, em 67 segundos, *Aymoré*, seguido de *Africa*.

No 3º pareo (1.000 metros) *Curubaid*, montado por Firmino, bateu, facilmente *Garibaldi* e *Françoise*, tendo esta ultima aliás feito bem soffrivel carreira, que lhe valeu o 2º logar. O tempo da corrida foi de 66 segundos.

No 4º pareo (1.600 metros) houve uma bonita lucta entre *Nicoafi* (jockey Arthur) *Druid* (jockey Lausinho) *Jaguary* (jockey Firmino) *Guaraco* (jockey Antonio Branco). Saliu vencedor, em 109 segundos, o velho *Guaraco*, que continúa a lembrar-se de seus bons tempos. A palle rendeu 36\$000.

No 5º pareo (1.600 metros) bateram-se *Bolivar*, *Françoise* e *Curubaid*. Esta ultima (montada por Firmino) fez uma esplendida corrida e por um triz que bate a *Bolivar*, que, esporeado e tocado, foi obrigado a ganhar em 104 segundos. A primeira vez que se encontrarem, tendo *Bolivar* de carregar mais 2 kilos, parece muito provavel que venha a victoria a pertencer a *Curubaid*.

No 6º pareo (1.300 metros) apresenta-ram-se na raia *Douro*, *Nicoafi*, *Bitter-Aranha*, *Alteza*, *Bonita*, *Africa* e *Dinorah*. Não houve meio de haver uma boa sahida, e por umas tres ou quatro vezes alguns jockeys partiram sem ordem do juiz. O resultado é que a directoria acabou annullando o pareo, no que procedeu com todo o applauso do publico. Consta, porém, que diversas multas foram impostas a todos os jockeys, e a falar verdade achamos isso um pouco rigoroso, pois afinal de contas já os proprietarios haviam sido prejudicados na annullação do pareo e são elles os que terão de pagar aquellas mesmas multas.

No 7º pareo (1.600 metros) correram *Didi*, *Sultão*, *Pampeiro*, *Savana* e *Eucharis*. Foi um pareo animado lissimo, em que *Savana* conseguiu bater *Eucharis* em 112 segundos.

Acha-se annunciada para o dia 14 do

corrente a 3ª corrida do *Prado Villa Isabel*.

O programma consta de 7 pareos, em tudo identicos aos da 2ª corrida.

E' de esperar que haja muitas inscrições e que o divertimento d'esse dia desafie numerosa concurrencia.

L. M. BASTOS.

P. S. — No proximo numero publicarei um artigo apreciando a postura municipal prohibitiva das *poules* e a posição em que se collocou o Sr. Dr. Costa Ferraz, apresentando-a.

L. M. B.

UM QUADRO

A FILINTO DE ALMEIDA

Ninguem passava ali. Era tão longe da estrada aquelle oasis encantado! cercado de montanhas magestosas, esse valle de amor, cheio de rosas, era ninho de um par enamorado, ou retiro de monge?

Via-se o colibri beijando as flores da purpurea epomea; a abelha inquieta, libando o doce mel de uma violeta, occulta sob a folha; e as revoadas das pombas, pelo azul, talvez cançadas de mysticos amores.

Das palmeiras, a brisa mollemente os leques balançava; as trepadeiras, que em festões pelos troncos se enroscavam, as florinhas, ás mil, arremessavam pra matizar alfombras feiticivas, de esmeraldas óment.

Ouvia-se o rumor de quedas d'agua, mas não se via mais que lymph pura, serpando entre florida verdura. Os cantores da selva, as meigas aves, entoavam uns canticos suaves, de muito amor ou magua!

Ao pôr do sol, a voz de um sino ao longe, triste, cortando os ares esmorece....

E os dois passaram juntos, graciosos, mudos, embevecidos... vagarosos...

Era um ninho de amor, que o mundo esquece, não retiro de monge.

ADELINA A. LOPES VIEIRA

AS MÃOS

Nasceram gémeas, cresceram ao lado uma da outra, na communhão do calor do mesmo berço e do mesmo collo e das mesmas caricias maternas.

A mão direita revelou-se desde cedo irmão da esquerda; do par, é o homem; já nos primeiros mezes, era quem premia, com suave pressão, o seio que nutria o corpinho fragil e, pois, tambem a pequenina irmã menos habil, que em taes momentos descansava merte. Depois foi sempre mais forte, mais activa, mais agil, mais emprehendedora, mais industriosa, mais rapida e mais energica; o principal e o mais rude do trabalho, a iniciativa em todas as occasiões, pertenceu-lhe sempre: é quem escreve, quem segura o livro e o folhêa, quem maneja o pincel e o escope, quem applica o bisturi, quem er-

que o martello e a picareta, quem torce a verruca, quem desembucha e vibra a espada, quem desflecta a arma de fogo, quem sustém e arranca o anzol do pescador, quem aguilhoa os bois, quem fustiga ou refreia os animaes do tiro, quem dirige a enxada e a loice, quem mais forte ao remo impelle o barco; e quem manipula, quem corta, quem rasga, quem rega, quem semea, quem colhe; ella é que nega, que intima, que impõe, que subjuga, que arrebita e que restitue, que contem e que repelle, que salva e que precipita, que esbofeta e que afaga, que assassina e que abençoa.

Entretanto, a mão esquerda, a irmã, a vizinha do coração, mais fraca, mais tímida e recatada, apenas observa ou, quando muito, auxilia, coopera, intervem secundariamente, no seu destino de mulher.

E' verdade que às vezes, — nos ambidextros e nos cauhotos, — a mão esquerda exerce as funcções da companheira; mas a excepção corresponde às mulheres-homens, que por ali ha, na historia e na vida domestica, e ainla confirma a justeza da analogia.

Porisso, e por merecida compensação, cabem à mão direita as preceleacias; na etiqueta, indica a posição mais nobre; na linguagem tropologica, exprime a distincção, a primazia, a força, o poder, a personalidade inteira.

E' pela mão que começa para o amor a deliciosa tomada de posse, — a não ser que comece pelo pé, nos mysterios de debaixo da mesa, como se vê entre Mario e Coseta. Mas esta ultima forma é excepção, a que eu chamaria portu-gueza, se não tivesse em memoria o suave exemplo parizienuse; a regra é a outra forma — *la main dans la main*, como nos versos lyricos. Assim, classico olhar entre os namorados, olhar essencialmente cumprido, é bem nua *longa manus*, como na lieção de direito.

E quando de simples namorado se tem de passar à mais grave posição de noivo, ali vem a graciosa synecdoche: pede-se a mão da bem amada, para dizer que se quer a dona da mão.

Da soberania da mão dá testemunho a pratica das feiticieiras que dizem a *buna dicha*; lêem nella e não na face, a despeito da sua maior nobreza, nem nos olhos, com tola a sua reputação de «espelho da alma.»

A mão é para a alma melhor coisa do que essa patetica de espelho: é o agente de sua immitibata confiança, é o chefe do poder que executa o que o cerebro legisla.

Braço e cabeça, costuma dizer-se; mas, braço, por causa da mão: braço sem mão, que vale?

Nas linhas da mão sabia tambem ler o feiticieiro que se chamava Theophilo Gautier. Ha nos *Esmaltes e Camaféus* um admiravel estudo de mãos: o divino bruxo vê cousas estranhas nas linhas de uma palma de mãe moldada em gesso, palma que é «livro branco onde Venus traçou signaes que o Amor só pode lêr tremendo»; e na mão cortada de Lacenaire vê que «todos os vicios traçaram com as garras, nas linhas d'aquella pelle, me lanhos hierogliphos, que o carrasco leu correntemente.»

O aperto de mão, ainda que hoje tão trivializado, que bella affirmacção de cordealida de! que eloquente modo de exprimir affeição!

A luva, que recata a nobreza da mão, que a isola da vulgaridade do contacto de outras, é um preito da civilização a esta privilegiada parte do corpo humano. E' o pergamino d'esta aristocracia.

Eterna symbolisação da força e da graça, a mão direita e a mão esquerda vem junctas, achegadas, desde as tre-

vas da vida... intima; depois, na peregrinação da existencia, reune-se nos momentos das profundas e das apaixonadas emoções, — na supplica, na oração, no entusiasmo e no desespero; e, por fim, no dia solemne em que a figura humana restitue ao vasto laboratorio da terra os atomos emprestados, lá estão, frias sobre o peito do morto, approximadas como se formaram, enlaçadas como irmãs, que são, as extremas gémeas.

Valença, 1885.

LUCIO DE MENDONÇA.

SOB AS ONDAS

(A TIMOTHED DE FARIAS)

... Et il se gardait bien de ne pas ouvrir les yeux.

H. Heine

«A sonhar, a querer—jamais querdo,
Vivemo já seu vião,—spina o mundo,—
«Afogou-se... Um de meos... Viu perdido
Talvez o bello Ideal... — Do mar ao fundo

Sigamos o bohem o. Lá, no erguido
Claro bosque, lá onde o rubicundo
Coral cresce, um jardim vê-se florido,
E das ondinas ouve-se o jocundo

Riso. Ellas vão e vem, nas pequeninas
Mãos mil flores e perolas trazendo.
Avistando-o a descer, — nuas, divinas,

Correm... vão vel-o. O triste, revivendo,
Abre os olhos...mas oh! —vão-se as ondinas...
E elle a pedir— Não fujam!... vae morrendo.

1836

EDMUNDO DE BARROS

THEATROS

A novidade da semana em materia theatral foi o *Casamento do Bilatra com a Mulher-Homem*, no Principe Imperal.

Somos suspeitos para dizer mal d'esta peça em 2 actos, que o Sr. Souza Bastos, ou o auctor, intitulou revista das revistas.

Por esta razão, preferimos dizer apenas que ella tem graça, ou antes chalaga e pilheria espessa, *sal-grosso*, como se diz entre bastidores.

Está ensaiada com certo capricho e bem encenada. A musica, tirada quasi toda das outras duas revistas, foi bem escolhida e bem ensaiada pelo maestro Francisco de Carvalho.

O desempenho é regular, destacando-se os actores Montedonio, Machado e Corrêa. O primeiro recita com multissima graça uma *serra* no 1º acto.

No mais, podemos dizer que a nova revista do anno pertence a um genero a que se poderia chamar — comedias para homens.

Nos dias de carnaval descansam as empresas theatraes. Toavia o Santa Anna prepara a nova opereta em 3 actos, de Arthur Azevedo — *A Donzella Theodora*.

Esta peça tem uma bella musica do Dr. Filinto Milanez, um amador de muitissimo talento. Os ensaios vão muito aliantados; a peça deve subir á scena no dia 12.

No theatro Sant'Anna haverá 3 bailes carnavalescos nos dias 7, 8 e 9—o

que possa haver de mais *chic*, deslumbrante, phantasmagorico e *parallepipedo*. Em summa: tres «patusecalas de repica-ponto», como diz o Diogenes no *Marive da Mulher-Homem*.

E tudo por 1\$000 de entrada!

P. TALMA

FACTOS E NOTICIAS

A cerca das experiencias feitas com osapparelhos telephonicos de Van Ryselbergue, na cidade de Paraty, diz a *Tribuna* d'essa cidade:

«Esteve nesta cidade o Illm. Sr. Dr. Leperre, engenheiro, com os apparelhos telephonicos simultaneos de invenção de Mr. Van Ryselbergue, sabio belga, e a convite do nosso amigo o Sr. Ferreira, telegraphista desta cidade, compareceram na estação telegraphica algumas pessoas gradas do logar para assistirem á experiencia dos referidos apparelhos em communicacção directa d'esta cidade para a estação central da Corte, que dista d'aqui 360 kilometros ou 60 leguas pela linha telegraphica, servindo-se o mesmo Dr. Leperre de uma so linha telegraphica, na qual funcionaram ao mesmo tempo os apparelhos telegraphicos Morse e telephonicos, chegando a ouvir-se distinctamente as vozes de alguns dos dignos membros da directoria dos telegraphos, os Srs. vice-director Dr. Lossio, chefes Francisco de Faria, Hermogenes, Pimentel, Pinto, Affonso Sá, chefe da contabilidade, e o Dr. Antonio de Senna, introductor do systema no Brazil, e o Sr. Seoaime.

«Ouvimos tambem as vozes de uma pequena caixa de musica, collocada no apparelho da estação central, onde tambem foi ouvida uma pequena variação de flauta, que tocou-se na estação d'esta cidade por occasião da mesma experiencia.»

Era de Queiroz, o emiuentissimo escriptor portuguez, acaba de dizer adeus ao celibato.

Casou-se no dia 10 do passado com a Exma. Sra. D. Emilia de Rezende. Effectuou-se a cerimonia na capella da Sra. condessa de Rezende, prima da noiva, servindo de testemunhas esta Sra. e a Sra. condessa de Covo e os Srs. conde de Rezende e Ramalho Ortigão.

Parabens ao grande romancista e á sua esposa.

Faz hoje annos a Exma. Sta. D. Maria J. de Magalhães Castro.

Chegou do Norte, vindo estabelecer-se neste capital, o Dr. Alcibiades Furtado, a lvogado e distincto poeta.

GRAMMATICA MUSICAL

Apparecerá brevemente á luz um importante trabalho do maestro Miguel Cardoso, lente de musica na Escola Normal da Corte, intitulado — *Grammatica musical ou Tratado analytico de musica*, que servirá de compendio para os alumnos da mesma escola.

Folgamos em dar esta noticia porque essa obra vem, indubitavelmente, preencher uma lacuna existente na arte musical entre nos; estamos certos que muito util será a todos quantos artistas e amadores cultivam a divina arte de Beethoven.

Está na Corte, de volta da Bolívia, onde é conselheiro do Imperio, e para onde regressará, exgota lá a licença com que veio, o Sr. Victor da Cunha, que muito trabalhou na nossa imprensa.

FALLECIMENTO

Tem corrido aziago o anno novo para o *Jornal do Commercio*. Hontem—o fallecimento de Oclaviano Hudson; —hoje o de Eugenio Adet.

Deu-se esta tristissima occurrencia no dia 1 do corrente.

Chegado, havia menos de um mez, da Europa, aonde fora a visitar sua mãe, foi Eugenio Adet acometido de uma febre typhica, que zombou de todos os envidados medicos e de todos os desvelos. Era sub-gerente do *Jornal do Commercio*, logar que havia pertencido a seu fallecido e honrado paé. Nesse encargo portou-se sempre de modo a não permittir nenhuma censura. Era muito estimado e sympathisado geralmente.

Ao seu enterro concorreu toda a imprensa, havendo *A Semana* comparcido na pessoa do nosso collega Henrique de Magalhães.

Pezamos á familia e aos ex-companheiros de trabalho do mallogrado Eugenio Adet.

CONSELHOS SALUTARES

AOS HEMORROIDARIOS

Chegon-nos ás mãos um numero do *Journal de médecine de l'Algérie*, d'onde extrahimos a noticia seguinte, que achámos curiosa e de utilidade para os que são atormentados por tal molestia:

Um homem de 36 annos soffria, ha quatro já, de tumores hemorroidaes internos, com fluxo sanguinolento e purulento e quasi continuos, dores horribes ao evacuar, insomnia, etc.

«Quanto ao moral: hypochondriaco, indifferente a tudo, até para seus proprios negoçios, enfim: muitissimo desgostoso.

«Fui consultado depois de muitos outros honrados collegas, recitei a melhor medicação classica a meu vêr: *pitulas de cremor de tartaro e enxofre com infusões de millefolio* (Teissier). Quinze dias depois, o nosso doente considerava-se o ser mais feliz da terra.

«Estou curado—disse-me elle.

«O remedio que dei-lhe foi soberano?—perguntei.

«Qual! Nem mesmo mandei-o fazer! O que tomei foi um que me aconsellou uma boa mulher, que já eouro mais de cem pessoas que soffriam como eu.

«Mostrou-me então uma tisana espessa de *consólida maior*, da qual bebia dois litros por dia.

«Despedi-me do homem feliz, que ria-se um pouco de mim... Ha humilhações que deviamos saber tragar calados!...

«Tres annos depois dizia-me esse doente que nunca mais sentira a menor dor nem o reaparecimento da molestia. Elle attribuirá isso á sua tisana, da qual fazia uso 3 a 6 dias por mez. O seu jardim achava-se já cheio d'essa planta!»

Ali fica a noticia. Experimentem a receita e dêem-nos conta do resultado. No proximo numero faremos uma apreciação sobre o facto.

DR. SAHÉN.

CORREIO

— Sr. *Abel Maria da Gama e Silva*.— Diz V. S. na sua carta aproveitar-se do direito que tem, como assignante d'á *Semana*, para fazer publicar a poesia junta, do seu amigo o Sr. Auto de Magalhães.

Vejo que V. S. está inteiramente equivocado. Nunca declarámos terem os assignantes o direito de publicar nesta folha poesias ou artigos. Não quer isto dizer porém que deixemos de publicar qualquer coisa que nos seja remetida por algum assignante, desde que o mereça. Intelectualmente é impossível a publicação da poesia do Sr. Auto; está metrificada com alguma regularidade mas trata de um assumpto por demais vulgar. Queira, portanto, desculpar-nos, não só o poeta, como V. S. que não o apresentou.

— Sr. *J. M. O.*—O seu sonetinho... é assim... assim. Muito *assim*, *assim*, mesmo; mas mesmo muito! Hoje um soneto, —principalmente de poeta desconhecido,— para que mereça as honras da leitura, meu bom senhor, é necessário que seja feito com todos os preceitos da arte; que seja bem metrificada, que tenha forma, estylo, correção grammatical, enfim: tudo! Do contrario e chover no molhado. Ora o seu sonetinho não é lá para que dignemos... portanto...

— Sr. *M.*—Se o S. S. é proprio a confessar que foi grande ousadia de sua parte servir-se das palavras de G. Jinguero para fazer alguns mais versos, que lhe nelas eu então dizer? Isto é uma máfia, continua o amigo, e com mais acoz o unico recurso e ter paciencia! Esta não lembra ao diabo!

Eu entendo que o unico recurso, em tal caso, é dizer ao illustre cavalheiro que o *Semana* não é precisadamente o edificio da Praia Vermelha.

Duchas, meu amigo, duchas e sobretudo muita discrição, e ficar certo que isso reaparecerá como por encanto.

— Sr. *B. S. F.*—Na carta que acompanha o seu soneto «*Inscendido*» diz V. S.: «Não me negue esse prazer de publicar o soneto, ainda que, para isso, seja preciso corrigi-lo. Foi muita graça! Ora, seu homem, pois se S. S. conhece que elle precisa de correção, como é que pode que o publicamos? D'mas palavras e esta phrase: ainda que para isso seja preciso corrigi-lo; como se dissesse: seja preciso escangalhar-o, erral-o, deformal-o.

Isto tem mais graça que uma grossa de *clowns*.

«Corrija-o, diz mais o versificador, rogo-lhe, mas... *passa-o publicar, sim?»*

Ah! *rosnice* pede com tanta ternura que a gente não *arresiste* nem a páu! La va obra!

INSENSIVEL

«Quando eu te vi, senhora, não amava, 1.
Não sabia mesmo o que era amor!—2.
Mas ao ver o teu perfil encantador, 3.
Venturoso senti que te adorava!

«Quiz fugir-te... (4) porém tão preso estava—
Embebiado a te olhar com tanto ardor,
Tão ebrio dos teus olhos ao fulgor (5)
Que em vez de te fugir... mais te buscava.

Foi preciso fallar-te...»— E eu aproveitei o ensejo, enquanto vi o poeta absorto a fallar com o anjo dos seus pensamentos, para por aqui muito pela calada o ponto final:—

— Sr. *Armando de Castro Lisboa*. Que o Sr. tem um nome poetico, e uma verdade; mas d'ahi a considerar-se livre das musas vae grande distancia. Não se é Apollo assim com duas raizes e meia (certas), e muito menos. Fique certo, com 14 ver-os... errados. Hoje quebrar todos os pes de um soneto é barbaridade que leva um poeta á pena ullhua.

(1) Sim senhor, boni-t-o-to!

(2) Nem metrificação.

(3) Não r. parem se este verso tem uma syllaba de mus, e que elle tractou como moleque fino que é, de aboanhar a que falta ao visinho do 2º andar.

(4)... mas não pude, o virgem!

(5) Olhos embebedantes... tem *cachaça* co n toda a certeza. E disse.

Eu estou aqui a arder em desejos de dar o seu soneto; *Um typo religioso*. Espero que tome em consideração a minha phrase; arder em desejos; imagine agora o senhor, e não o calor que faz presentemente, o supplicio que é fou a curtir por sua causa, (moralto), qas... está tão aleijadinho, o pobre, que huir com elle é, com certeza, escangalhado de todo.

Contudo, v. S. não se portou a mi alguma coisa do que elle tinha de melhor;

«Do templo então as portas de par em par
s'abrem»

Isto é com certeza um novo plural de *sabre*, arranjado pelo poeta; em todo caso é uma novidade. Não salda que o salde e ferro para toda a obra; a gente pucha-o da barba do bom senso e é, ali, mas nada menos, que um substantivo; de repente porém amassao e ed-o transformado (isto n'um caso de necessidade) em um verbo reflexivo. E assim por diante.

Continuem os:

«Parece *qu'assim*...»

Isto é com certeza diminutivo de *cação*; se o não é, parece.

Mais uma perola:

«Roubando, *par'ir* vender...»

Está *par'ir* faz-me parar, vecado. Demais, se a coisa acaba em roubo, não é *comigo*. Se se publicar o seu soneto, a arte poetica apita pelo policia e o pobrezinho tem de se ver em papos de aranhas.

Ja vê que não é possível. Assim o ordenam a decencia e o sugeo publico.

ENRICO.

RECEBEMOS

— *Revista Ilustrada*.— n. 117.— Como sempre—magnifica.

— *Relatorio da Associação Gremio Litterario á assemblea geral ordinaria*.

— *Dramas modernos*, de E. Richelbourg. Fasciculo n. 1; nova publicação da casa David Corazzi, destinada a largo successo.

— *Correio da Europa*, edição do Brazil, n. 3. Muito bom.

— *Estado Financeiro e commercial do Brazil em 1885*.

— *Diccionario Grammatical*, destinado a auxiliar os e estudantes nos exercicios de analyse etymologica e logica da lingua portugueza, por Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho.

— *Relatorio da Imperial Associação Typographica Fluminense*, dos exercicios de 1883—1884 e 1884—1885, apresentado á Assembleia geral pelo conselho administrativo.

— *Ha alguma novidade?* polka (com certeza chorada!) por Cesario Villela. Quem sabe se não é das taes de fazer a gente sentir formigueiros nas pernas?... Os *maestros* que respondam.

— *Mistilneas*, versos do Sr. Rodolpho Paixão. Vamos lê-los e dar mais tarde a nossa opinião.

— *Romanceiro portuguez* por J. Leite de Vasconcellos; editado por David Corazzi.

— *Memorias de um sapatinho*; editor Thomaz de Mello; encarregado da venda no Rio de Janeiro—Jose de Mello, da casa filial de David Corazzi. Tem um livro uma bella capa desenhada por Bortaldo Pinheiro. Quanto ao que é e ao que vale, fale por nos Fernando Leal, que o preficou; *memorias de um sapatinho, meus senhores e minhas senhoras, é uma das obras mais escandalosas que se tem escripto desde que neste mundo se faz litteratura pornographica* E.e. Deve ir reunir-se aos *Pomos d'Era*; so pode ter entrada nos quartos dos rapazes solteiros e nos *boudoirs* das *caudales*.

Mas para esta quadra canicular convem: é *freca* como uma cajada.

— *Da febre amarella endemo-epidemicna na cidade do Rio de Janeiro*; pelo Sr. Bento de Azevedo Maia Rubião.— Lemtamo-nos a agradecer, pois que não ha absolutamente novidade neste trabalho. Tudo quanto está escripto já se acha assignado ha muitos annos em varias theses e monographias de valor.

T. D.

S. E. G. TENENTES DO DIABO

DUAS ENORMES, DESLUMBRANTES, REPIMPONETICAS E OLYMPICAS

FESTAS CARNAVALESCAS

DOMINGO 7 E TERÇA-FEIRA 9 DE MARÇO

ENTRADA TRIUMPHAL E FULGURANTE DO DEUS MOMO!

Vós bem o conheceis, o Deus Momo, o gigante Olympico e tremendo, o pae das divindades; Sobrinho de um irmão do Jupiter Tonante, Sogro de Leucothoe, Siryx e outras deidades.

Foi elle que, escalando o Olympo luminoso, Deoses tristes virou, de uma vez, de cangalhas; E a rir, a rir, a rir, a rir, a rir de goso, Travou contra a Tristeza as mais rudes batalhas.

Tudo vence este Deus domingo e terça-feira,
O espirito espivita, aguçando o pernil,
Seu arauto, o paucudo e pandego Zé-P'reira,
Affirma que elle tem a frescura de Abril.

Os dois mais sumptuosos, repicaponticos e parallelipipedicos

BAILES A' FANTASIA

que nunca sonhou a mente escaldada, grandiosa e estupenda de **SARDANAPALO**, o homem-deus de **BABYLONIA**. As feericas e deslumbrantes **FILHAS DO PRAZER** virão, em choréas lucidas, aos magotes, com cardumes de **NYMPHAS**, multidões de **NAYADES**, rondas de **AMADRIADES** rodopiar em

WALSAS ELECTRICAS

E para que venham todas as semi-deas, aqui se lhes dirige a

CANTATA 69

O' Camélias, ó flores viçosas,
Bellas filhas do mundo pagão;
Semi-déas—inveja das rosas,
Vinde encher este vasto salão.

Proserpina de flavos cabellos,
Que um diadema de pedras comporta,
Hade pôr-vos do barathro os sellos,
Hade vir esperar-vos à porta.

Baccho, o heroe que heroínas enthrona,
Vem tambem contemplar-vos, houris:
Novo thyrsos de prata comprou na
Rua de S. Francisco de Assis!

Guarda d'honra de Satyros ledos,
De capripedes Faunos bregeiros,
Vos dirão das paixões os segredos
Rodopiando nas danças ligeiros.

E mais tarde a esplendente apotheose,
De mil sóes ao immenso clarão,
Quando Baccho injectar-vos a dose,
Então hade mostrar-vos Plutão!

Todo o brilho da troça moderna
Vem doirar o cariz do Deus bello!
Nestas noites a luz da Caverna
Hade a Aurora metter num chinello!

FOLIÕES!

Famosos e immortaes **TENENTES!** espera-vos o

PARAISO NA TERRA

tal como o não imaginaram Dante, nem Milton, nem Mahomet, os paradisiferos mais notaveis de toda a historia.

O paraizo da esplendorosa **CAVERNA** terá todas as impensadas fulgurações que o genio divino dos deuses do Olympo grego e do Eden da mythologia scandinava creou para eterno recreio e perenne **GOSO DOS ELEITOS**.

Lembrae-vos, gigantes da Alegria, que ha um dia pavoroso no anno, um dia terrivel, igual áquelle do qual o poeta dizia: «**O dia em que eu nasei morra e pereça**», um dia nefasto e maldicto que se chama na geringonça romana

QUARTA-FEIRA DE CINZA!

Aproveitae o tempo e vinde sacudir os musculos no delirio das mais deslumbrantes **FESTAS D'ESTE SEculo**. Repeti com enthusiasmo os hymnos da Loucura; entoae com fervor a antiphona do Prazer e dizei com o bardo sadino:

«Agora temos festa! A ella! a ella!
Que as horas do prazer vôam ligeiras»

Cá vos espera de braços abertos o vosso

DR. MADRUGADA, SECRETARIO